

Sari Azout

O que a IA está realmente nos mostrando

Uau. Obrigada pela introdução incrível, Lauren. E agora eu vou minar completamente essa introdução... começando com uma pergunta muito chata: a IA vai substituir os humanos?

É tipo a “previsão do tempo” das conversas sobre IA, né? Segura o suficiente pra jantares em família, provocativa o bastante pra esgotar ingressos de conferência. Mas o que me fascina é por que essa pergunta domina o discurso. Por que, diante de uma das maiores conquistas da humanidade, nosso instinto é enquadrá-la como uma ameaça a nós mesmos?

Como quase tudo no mundo da tecnologia, isso começou com uma proposta para captar recursos. Era 1955, e um pesquisador chamado John McCarthy estava procurando um termo chamativo para conseguir financiamento para seu trabalho. “Inteligência artificial” soava empolgante — e funcionou. E, só assim, essa escolha de palavras se tornou o enquadramento definidor da forma como experienciamos essa tecnologia.

A gente costuma pensar na linguagem como um meio para um fim — e raramente pensa em como a própria linguagem molda nosso modo de pensar.

Vamos olhar pra um exemplo: se você está escrevendo com a ajuda de um editor humano, isso é visto como algo colaborativo, responsável — uma forma legítima de assistência. Mas se você está escrevendo com a ajuda da IA, você é preguiçoso, está trapaceando, sendo inautêntico... pulando etapas ao invés de aprender. Atividade semelhante, resposta emocional completamente diferente.

A inteligência coletiva como novo enquadramento

Agora, quero te convencer de que mudar o vocabulário pode mudar a realidade. Porque foi o que aconteceu comigo.

Minha reação inicial à IA também foi de estranhamento. Até que ouvi uma artista chamada Holly Herndon dizer que “inteligência artificial” é, na verdade, um nome que presta um grande desserviço. E que “inteligência coletiva” seria uma definição muito mais precisa.

Porque, se você reduz os grandes modelos de linguagem (LLMs) à sua essência, eles nada mais são do que uma maneira muito mais eficaz de usar estatística para agregar a inteligência humana — e conectar tudo o que já fizemos, de modo que possamos aproveitar melhor esse conhecimento.

Então vamos refazer o exercício, mas desta vez imaginando que a OpenAI tivesse sido batizada como OpenCI — Open Collective Intelligence (Inteligência Coletiva Aberta).

De novo: se você escreve com a ajuda de um editor humano, isso é visto como colaboração. Se você escreve com a ajuda da IC, isso é ser engenhoso — estar aproveitando o melhor do conhecimento humano.

Na verdade, eu diria até que seria julgada se *não* estivesse usando IC. Seria como ter Gabriel García Márquez e Virginia Woolf na sala... e pedir para eles se retirarem.

Se uma única palavra é capaz de distorcer completamente minha percepção da realidade, que outros pontos cegos eu estaria carregando? Essa pergunta não saiu mais da minha cabeça. Eu precisava descobrir.

Minha experiência com IA: expectativa vs. realidade

Foi o que fiz. Passei os últimos dois anos indo direto à fonte: construí minha empresa, a Sublime, enquanto usava obsessivamente ferramentas de IA. Usei para escrever, para desenvolver software, para desenhar sistemas... até tentei usar a IA pra escrever esta apresentação.

Mas comecei a prestar atenção não só ao que essas ferramentas podiam fazer, mas *ao que elas faziam comigo*. Como estavam mudando minha relação com o trabalho? Como estavam mudando a sensação de ser humana?

O que descobri foi um abismo profundo entre o que eu esperava e o que de fato experimentei. Então quero compartilhar com vocês os três grandes **descompassos de realidade** que encontrei. Eles mudaram minha forma de trabalhar com IA — e talvez possam fazer o mesmo com você.

Realidade 1: A IA não me deu mais tempo — ela elevou o padrão

Eu esperava que a IA reduzisse minha carga de trabalho e me liberasse mais tempo. O sonho, né? Robôs fazendo nosso trabalho enquanto a gente relaxa em redes o dia inteiro.

Mas acabei presa num paradoxo: a quantidade de trabalho que agora é possível, empolgante e que vale a pena fazer *por causa* da IA é muito maior do que o tempo que consigo economizar usando IA.

Isso não é um padrão novo. No começo do século XX, vimos uma explosão de tecnologias que prometiam poupar trabalho: geladeiras, máquinas de lavar, lava-louças, aspiradores. Teoricamente, tudo isso deveria ter diminuído o trabalho doméstico. Mas em 1960, as mulheres passavam *mais* tempo cuidando da casa do que em 1920.

Minha grande teoria sobre por que nunca temos tempo é a seguinte: a tecnologia não apenas facilita tarefas antigas — ela cria *novos padrões*. Antes das máquinas de lavar, as famílias lavavam roupa talvez duas vezes por semana. Depois disso, a lavagem semanal virou norma.

A tecnologia não existe num vácuo. Nós *reagimos* à tecnologia.

Eu senti essa mudança na pele. Um dos critérios que agora uso antes de publicar qualquer coisa é: **isso é algo que um LLM não conseguiria fazer?** (*un-LLM-able*, no termo que ela cunha). Ou seja: esse trabalho carrega o selo inconfundível da criatividade humana, da perspectiva única e da experiência vivida?

Claro que a ironia é que eu uso modelos de linguagem para *me ajudar* a criar esse trabalho. Mas no conjunto, a IA tornou o nível mediano acessível a qualquer pessoa — e, por isso mesmo, aumentou o padrão do que é considerado excepcional.

Os LLMs em breve farão muitas coisas que antes pensávamos serem exclusivamente humanas. Mas nós vamos continuar subindo na escala. Vamos transformar esses resultados em matéria-prima. E sonhar mais alto.

Algumas habilidades humanas vão se tornar comoditizadas — mas os seres humanos, não. Nós somos *irredutíveis à IA*. Nós somos “un-LLM-able”.

Realidade 2: a expertise ainda importa — talvez mais do que nunca

Eu assumi que a IA democratizaria a expertise. Que permitiria a qualquer um ser designer, escritor, advogado, engenheiro. E, em certo sentido, isso é verdade. As barreiras técnicas estão ruindo.

Mas o que descobri é algo bem mais sutil.

Para moldar os insumos e avaliar os resultados, *ainda é preciso ter expertise*.

Os LLMs são profundamente influenciados por cada palavra que você insere. Deixe-me mostrar um exemplo — e, claro, seria imperdoável perder essa chance de divulgar um app que estou construindo, chamado **Podcast Magic**.

Este app permite que você capture insights de podcasts usando capturas de tela. Por exemplo: você está correndo e ouvindo algo incrível no Spotify — tira um print, e o app automaticamente gera uma transcrição + áudio daquele momento, para você acessar depois.

Agora, temos dois prompts diferentes para gerar um título de marketing para o Podcast Magic.

No exemplo da esquerda, temos alguém que talvez não ligue muito, ou não seja especialista — só quer terminar logo a tarefa. Insere um input genérico e aceita qualquer saída mediana que o modelo produza.

No exemplo da direita, está alguém que entende de posicionamento e psicologia, que contextualiza bem a tarefa. E — isso é crucial — pede ao modelo que gere *várias variações* e testa até encontrar as palavras certas.

Mesma ferramenta. Resultados radicalmente diferentes. E o diferencial *não era a ferramenta*. Era a pessoa operando a ferramenta.

A expertise aqui não está em fazer o trabalho com as próprias mãos. Está em guiar o processo, avaliar o que vale a pena, saber o que perguntar. E, mais profundamente, saber o que vale a pena ser feito.

Eu fiquei tentando encontrar uma metáfora mais memorável pra isso... e me lembrei de uma definição de arte moderna que li certa vez:

arte moderna = “você poderia ter feito isso” + “sim, mas você não fez”.

Sabe aquele sentimento ao ver um quadro preto ser leiloadado por 80 milhões de dólares e pensar: “Ah, até eu podia ter feito isso”? Pois é. Mas você *não fez*. A outra pessoa fez. Ela soube o que valia a pena ser feito — *quando, e como enquadrar*, para que aquilo tivesse impacto.

Acho que isso vai se aplicar cada vez mais fora da arte. As coisas vão parecer simples, facilmente replicáveis. E muita gente vai dizer “qualquer um conseguiria esse resultado com o ChatGPT”.

Mas quanto mais acesso todos têm às ferramentas, mais claro fica que o gargalo da criação não é conhecimento. Nem informação. Nem inteligência.

É aquela qualidade intangível — chame de *bom gosto, criatividade, discernimento, coragem, intuição, agência*.

Todos já ouvimos aquela frase do Thomas Edison: “Gênio é 1% inspiração, 99% transpiração.”

Naquela época, executar era caro, e aprender era lento.

Acho que agora isso se inverteu: **99% inspiração, 1% transpiração**.

Se você tem vontade, um laptop e um ponto de vista, pode se tornar perigoso em questão de dias.

É uma definição completamente nova de expertise.

Realidade 3: não são as máquinas que estão se humanizando — somos nós que estamos nos robotizando

Quando comecei a usar IA, meu medo era que as máquinas estivessem se tornando mais humanas. E sim, está cada vez mais difícil distinguir uma coisa da outra.

Mas isso não é apenas porque as máquinas estão ficando mais humanas — é também porque os humanos estão ficando mais parecidos com máquinas.

Tememos que a IA vá substituir os escritores. Mas metade da internet hoje é feita por “fazendeiros de engajamento” no LinkedIn vendendo “cinco formas de multiplicar sua criatividade por 10 antes das 6 da manhã”.

Essa mentalidade contaminou tudo.

Entramos no Twitter por amor ao aprendizado, e saímos obcecados por curtidas.

Fazemos pesquisa em busca de descobertas, e acabamos presos na corrida pelas citações.

Queremos contratar os melhores professores, então medimos o desempenho em testes — e os professores passam a ensinar *para o teste*.

Queremos recompensar a mídia de qualidade, então medimos cliques — e acabamos com *clickbait*.

Em outras palavras: tentamos medir o que valorizamos, mas acabamos valorizando o que conseguimos medir.

E o que é mensurável tende a ser justamente o mais mecânico.

Números não apenas falham em capturar o que realmente importa — eles são fáceis de manipular.

A ideia de que nosso valor pode ser expresso em KPIs, OKRs, métricas visíveis e planilháveis é uma invenção moderna.

Na Grécia Antiga, o valor humano estava ligado à sabedoria e à contemplação.

Na Inglaterra medieval, à devoção religiosa.

Em muitas culturas indígenas, o status se relaciona com conexões espirituais, habilidades de contar histórias, relacionamentos.

Mas em algum momento decidimos que progresso era igual a números numa planilha.

IA como espelho da nossa era

A IA está apenas segurando um espelho diante de nós. E, nesse reflexo, talvez esteja despertando em nós o desejo de voltar às coisas que não podem ser facilmente quantificadas.

Muita gente na tecnologia enxerga o mundo pelo prisma do determinismo tecnológico — como se a história seguisse inevitavelmente o que for possível tecnicamente.

Mas as maiores revoluções não virão da tecnologia em si. Virão das transformações que ela provoca em nossa compreensão de nós mesmos. Virão da pergunta: *quem podemos nos tornar* com tanto poder à disposição?

E aqui voltamos ao problema de fundo com o modo como enquadramos toda essa conversa:

Pegamos uma das tecnologias mais extraordinárias da história...

E demos a ela o enquadramento mais banal possível: *Como isso vai substituir um humano?*

Pra mostrar o quão absurda é essa pergunta, basta inverter:

“Humanos versus IA” é tão sem sentido quanto “humanos versus lápis”.

“Humanos versus calculadoras”.

“Humanos versus mapas”.

Tecnologia não é nosso rival. É apenas conhecimento humano aplicado.

Mas a IA é uma tela em branco ideológica.

A internet nasceu com a missão da abertura.

Blockchain nasceu com a missão da descentralização e da liberdade.

Mas a IA... não tem missão embutida.

Os principais laboratórios declararam como objetivo construir uma “inteligência artificial geral” — uma meta técnica vaga de substituir a inteligência humana.

Mas quase nada é dito sobre o que isso significa *para nós*.

E isso deveria ser uma boa notícia para todos nesta sala.

Porque os maiores problemas aqui não são tecnológicos.

São filosóficos. São questões de valores, ética, visão de mundo.

Assim como vivemos hoje dentro do sonho de conexão instantânea de Zuckerberg, ou da ideia de Jobs de que o computador seria “uma bicicleta para a mente”, também estamos começando a viver dentro da visão de mundo de Sam Altman.

Mas... qual é a visão dele sobre uma vida significativa?

O que ele acredita que leva ao florescimento humano?

E esqueça Sam Altman: *o que VOCÊ acredita que leva ao florescimento humano?*

No meu trabalho com a Sublime, isso significou repensar o que pode ser um sistema de gestão de conhecimento — projetado não para produtividade, mas para criatividade.

Não para fazer algo rápido, mas para fazer algo maravilhoso.

Não para automatizar palavras, mas para **alquimizar mentes**.

E vi como uma mudança de enquadramento pode gerar efeitos em cascata sobre cada decisão que tomamos.

Isso não é papo místico. É extremamente prático.

Porque produtos *não são neutros*. Eles são opiniões codificadas em pixels.

Cada botão, cada padrão de design, carrega uma ideia sobre *para que serve um ser humano*.

E voltamos à pergunta inicial:

A IA vai nos substituir?

Sim. Mas temer que a IA nos substitua é como temer que nossos filhos nos substituam.

Eles vão, sim — porque foi pra isso que os criamos.

Mas eles também dependem de nós.

Eles são parte de nós.

E podem nos melhorar.

Podem nos libertar da robotização...

Para que possamos recuperar aquilo que as máquinas jamais conseguirão tocar.

Obrigada.